CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

LINGUAGEM E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: os desafios contemporâneos

Elisa Maria Machado Lima[1]

Eixo temático 4: Alfabetização e infância

Resumo: Ações sociais repercutem na prática da linguagem oral e escritas, culturais e cognitivas. Portanto, proporcionar contato com materiais escritos na infância interfere de forma positiva na capacidade de ler escrever, pois desperta interesse e curiosidade pela linguagem escrita. Assim sendo, a ausência desses recursos interferem no desenvolvimento infantil e prejudica a alfabetização. Ressaltando que há muitas maneiras de se relacionar com as culturas do escrito nas sociedades contemporâneas. Perante esta constatação, Galvão (2016) evidencia a dimensão da responsabilidade de se trabalhar com crianças de meios populares e/ou de meios rurais. É imperioso conhecer os lugares simbólicos e materiais que o escrito ocupa na vida dos seus alunos, de suas famílias e de suas comunidades. Destacando a escrita como invenção humana e composta por signos, logo, ler e escrever exige reciclagem neuronal. Portanto, requer alterações fisiológicas para que de fato seja integrada ao desenvolvimento psicossocial de cada um. Por conseguinte, valorizar e respeitar as diversificadas formas de cultura é o trajeto que a transmissão das culturas escrita deve trilhar para alcançar as crianças e os bebês. Visto que a leitura e a escrita tem que ser propagada como instrumentos de resistência na desigualdade social.

Palavras-chaves: linguagem; alfabetização; família; oral; escrita.

Introdução

O contato com materiais escritos na infância interfere de forma positiva na capacidade de ler e escrever, pois desperta interesse e curiosidade pela linguagem escrita. Estando as culturas do escrito inseridas nas interações e brincadeiras, por conseguinte, as cantigas, os poemas, as brincadeiras lúdicas, as interações e as interlocuções proporcionam condições para o pleno desenvolvimento da linguagem escrita.

[1]Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Contato: elisamaria.elisa@gmail.com

Estes estudos sobre a alfabetização foram embasados por intermédio de textos sobre linguagem oral, escrita e o desenvolvimento infantil. Esta metodologia bibliográfica está associada às análises inseridas no campo descritivo do exercício docente para melhor compreensão do desafio de proporcionar às crianças um acesso adequado para transmissão das culturas escrita.

2 Escritos da Infância

Galvão (2016) ressalta que cultura escrita é diferente de letramento, porque essas expressões são tidas, muitas vezes, como sinônimas, o que se justifica, pois estas expressões estão relacionadas à alfabetização, que na língua inglesa usa-se o termo *literacy,* que, ao ser traduzido, gera esse equívoco.

Galvão (2016), alerta que as culturas do escrito não podem ser consideradas fora das relações de poder: *"Em outras palavras, existem modos de se relacionar com o escrito que são considerados os mais adequados – e trazem, em consequência, maior poder – em determinadas culturas."* No entanto, a autora, da mesma forma, afirma que há comunidades que desconhecem as culturas do escrito, portanto, para essas culturas, essa forma de comunicação não tem expressão nas hierarquizações simbólicas e sociais que as definem. Dito isso, Galvão (2016) reforça a importância do reconhecer que os analfabetos e semialfabetizados também são produtores de cultura – e não apenas consumidores.

O exercício da linguagem oral e escritas repercute nas ações sociais, culturais e cognitivas. Como há muitos modos de se relacionar com as culturas do escrito nas sociedades contemporâneas. Galvão (2016), diante desta confrontação, evidencia a dimensão da responsabilidade de se trabalhar com crianças de meios populares e/ou de meios rurais. Portanto, apesar da escola ter propensão em privilegiar apenas um deles, é imperioso conhecer os lugares simbólicos e materiais que o escrito ocupa na vida dos seus alunos, de suas famílias e de suas comunidades. Destacando que Galvão (2016) sustenta que não há uma única cultura escrita, mas culturas escritas ou culturas do escrito.

Por conseguinte, valorizar e respeitar as diversificadas formas de cultura é o trajeto que a transmissão das culturas escrita deve trilhar para alcançar as crianças e os bebês. Visto que a leitura e a escrita tem que ser propagada como instrumentos de resistência na desigualdade social.

Assim como, estando as culturas do escrito inseridas nas interações e brincadeiras, consequentemente, as cantigas, os poemas, as brincadeiras lúdicas, as interações e as

interlocuções proporcionam condições para o pleno desenvolvimento da linguagem escrita. Por conseguinte, o contato com materiais escritos na infância interfere de forma positiva na capacidade de ler escrever, visto que desperta interesse e curiosidade pela linguagem escrita.

3 Reciclagem Neuronal

Ler não é tirar fotografias. Ler e escrever requer reciclagem neuronal. Mas, afinal, o que é reciclagem neuronal? Para explicar isso vou expor a necessidade de sobrevivência e os mecanismos que o organismo traz para que a vida seja mantida. O nosso cérebro está programado para que possamos ter reações rápidas e certeiras para agir em tempo hábil para preservar a vida. Por causa disso, o cérebro simetriza tudo, pois, se assim não fosse, até o ser humano identificar o perigo, ele já foi consumido. Por exemplo, um homem enxerga o rabo de uma onça. Automaticamente, o cérebro alerta que há perigo, pois uma onça está muito próxima dele. Ou seja, não foi preciso a figura inteira da onça para que esta seja identificada. Isso acontece porque o cérebro simetriza tudo, ou seja, completa o que falta para devido reconhecimento do meio no qual está inserido.

Dito isso, imagine uma cadeira, essa já tem seu significado no léxico, logo, mesmo que se enxergue apenas uma parte da cadeira, esta será classificada corretamente. Portanto, a cadeira pode estar apresentada de várias formas, ou seja, de cabeça para baixo, quebrada, com cores diferentes ou apenas uma parte dela. Nada disso impedirá que a cadeira seja reconhecida como cadeira. O cérebro já definiu e a tem, muito bem representada, em seu léxico. O processo de ter a palavra cadeira para identificar uma cadeira foi muito longo. Desde o nascimento da criança, a cadeira é apresentada, logo, é uma palavra que já foi trabalhada em todos os aspectos possíveis para associar a palavra cadeira a um objeto cadeira (SCLIAR, 2012)**.**

Significar um objeto leva tanto tempo. Então, como acreditar que expor palavras inteiras permitirá que a criança signifique cada grafema e seus diversos fonemas com simples repetições? Cada palavra é composta de unidades específicas. E cada unidade insere vários fonemas, por exemplo, a palavra '**boneca'** é pronunciada de tantas formas diferentes e é composta por seis letras diferentes, que têm sons diferentes em diferentes

palavras (SCLIAR, 2012)**.**

> (...) a linguagem escrita da criança não surge por via natural. Nós já dissemos que o desenho primitivo da criança é um gesto da mão armada com um lápis; o desenho começa a designar por si mesmo algum objeto, os traços esboçados recebem seu nome correspondente. (Bissoli e Mello,

p.10, 2015)

Repetir uma frase sem antes ter cada letra e seus respectivos fonemas decodificados e automatizados torna essa repetição amarga e confusa para quem está entrando no mundo da linguagem escrita. Por exemplo, a frase “A menina viu a bola.” Quantos grafemas e quantos fonemas estão inseridos nessa frase? Muitos, certo? Portanto, como integrar tantos grafemas e tantos fonemas apenas repetindo a frase? Posto isso, a frase: “A me**u**ina vi**n** a bola.” Está certo ou errado? E, por quê? Vamos analisar; querendo que o aprendizado ocorra por meio de frases, somos obrigados a dizer que está certo. Acompanhe o raciocínio, em uma frase apresentada sem as devidas decodificações e automatização, é possível um aprendiz simbolizar traços iguais como o mesmo fonema. Ou seja, (**n**) e (**u**) tem traços iguais, então, é natural considerar que são os mesmos. Assim como uma garrafa sempre será uma garrafa, esteja em pé ou deitada na mesa (SCLIAR, 2012)**.**

Vejamos, o (**b**) se for colocado invertido tem o mesmo significado? Ou seja, ainda é o mesmo símbolo? Observe: **b** e **d**. São fáceis diferenciar uma da outra rapidamente? Sim se for bem trabalhada, se for bem explicada, assim como foi associar a palavra oral cadeira a um objeto denominado cadeira. Agora, vamos observar a letra (**n)** e a letra (**u**). Apresentam alguma diferença? É possível diferenciar (**n)** de (**u**) com a mesma agilidade que se identifica uma cadeira? Assim como a cadeira, (**n)** e (**u**) serão reconhecidos em qualquer posição que forem colocados?

> “A criança não aprende só a língua, não aprende a falar, aprende um modo de dizer, o bebe vai tornando próprio de si mesmo aquilo que é comum na cultura.” A linguagem faz parte disso. Ana Luiza Bustamante Smolka.

Nesse momento, acho importante demostrar o quanto o ambiente interfere na expressão oral de cada ser. Por isso peço que atente para as diversificadas formas de expressão oral que uma única língua adquire em seu amplo e diversificado meio social no qual é utilizada. Por exemplo, crianças criadas em bairros afastados do centro de uma mesma cidade, estas falarão carregando os ritmos e timbres das pessoas com as quais coabitam. Que são diferentes daqueles que convivem no centro urbano. Tanto é que essa diversidade de pronuncias logo é reconhecida e identifica cada cidadão de uma mesma cidade.

Ouso exemplificar os conceitos acima, que exponho, com relato da minha experiência pessoal: Eu, enquanto criança, residi maior parte do meu tempo em um bairro afastado, incrustado na Mata Atlântica. O meu povo, a minha gente, são pessoas muito simples e tinham um jeito personalizado de se expressarem. Assim sendo, colocava nas palavras ditas, uma pronuncia própria. Igreja, por exemplo, era dita ‘ingreja’. “Problema era o maior problema, pois pronunciavam ‘probrema”. Da mesma forma, bloco era ‘broco’. Até aqui, tudo bem, no

entanto, sinto a necessidade de expor que a gente falava broco e escutávamos “bloco” caso fossemos letrados. Ou seja, o léxico traduzia a expressão oral de ‘probrema’ em problema. Assim sendo, meus parentes que moravam no lado urbano da cidade sempre me corrigiam, diziam: “não é ‘broco’ é bloco.“ No que eu pensava: “Eu, hem? Eu disse bloco, porque estão rindo de mim?” Eu não entendia, levei mais de quarenta anos para compreender.

Então, se dentro de uma cidade já é possível identificar diversas formas de expressão oral, quem dirá dentro de um país com grande área territorial. Diante dessa constatação já é possível compreender que sim, a expressão oral é uma atividade inata, portanto, o organismo humano saudável nasce preparado para expressar qualquer língua. A linguagem oral além de ser inata é também social, visto que a expressão oral se dará em acordo ao meio no qual cada um está inserido. Portanto, uma criança criada por lobos, uivará e, caso seja resgatada muitos anos depois, talvez, não será capaz de desenvolver outro tipo de expressão oral. Isso porque os neurônios destinados à comunicação oral se perderam pela falta do uso. No entanto, chamo atenção para a capacidade de adaptação que o cérebro tem. Logo, estimular o cérebro, por meio de longos exercícios, redireciona neurônios para essas atividades, devido ao incentivo fornecido.

> “A criança não aprende só a língua, não aprende a falar, aprende um modo de dizer, o bebe vai tornando próprio de si mesmo aquilo que é comum na cultura.” A linguagem faz parte disso. Ana Luiza Bustamante Smolka.

3.1 Estrutura Cerebral

> A peculiaridade profunda de todo o hábito motor, quando a criança cega lê com os dedos, se explica pelo fato de que a percepção tátil se estrutura de um modo completamente diferente que a percepção visual. (Bissoli e Mello, p.27, 2015)

Sim, há no cérebro diferentes áreas para diferentes ações. Portanto, estimular a parte motora na alfabetização é tão necessário quanto estimular o aspecto visual. Lembrando que a leitura fluida ocorre por meio da visão. No entanto, o olho humano

enquanto lê, alcança apenas três caracteres a esquerda e sete á direita. Portanto, ler e escrever exige atenção, disciplina, coordenação motora e coordenação viso-motora. Pois esse é o caminho para provocar reciclagem neuronal e automatizar os signos para realização da leitura e da escrita. Assim sendo, ter automatizado os grafemas e seus respectivos fonemas são fundamentais para que a leitura seja de fato fluida e passível de compreensão e interpretação (SCLIAR, 2013). Embora, ler e escrever necessite de dedicação e estímulos,

estas não devem ser realizadas de forma mecânica e separadas dos interesses psicossociais daqueles que estão aprendendo a ler e escrever.

4 Alfabetização e os Conceitos de Vigotski

Como estão ensinando a linguagem escrita por meio de traçar palavras, as crianças estão enfrentando dificuldades para aprender a ler e escrever. Alfabetizar é um processo complexo que merece atenção e disposição para compreender a fisiologia humana.

> Aos escolares não se ensina a linguagem escrita, mas sim a traçar as palavras e, por isso, a sua aprendizagem não ultrapassa os limites da ortografia e caligrafia tradicionais. VIGOTSKI, 1931.

Ler e escrever não são atividades naturais do ser humano. Ler e escrever são invenção humana, portanto, requer alterações fisiológicas para que de fato seja integrada ao desenvolvimento psicossocial de cada um.

> O ensino da língua escrita se baseia em uma aprendizagem artificial que exige enorme atenção e esforços por parte do professor e do aluno, VIGOTSKI, 1931

Quando Vigotski afirma a expressão ‘aprendizagem artificial’ eu compreendo que o conceito que o autor afirma é devido ao fato de que a escrita é uma invenção humana. Portanto, uma invenção humana não traz em sua constituição biológica a capacidade inata de ler e escrever. Assim sendo, ler e escrever requer que cada letra seja convertida em um símbolo independente para que a linguagem seja viva. Pois somente quando cada letra basta por si mesmo é possível articular as ideias em forma de texto. Assim sendo, afirmo que para significar cada grafema aos seus respectivos fonemas são necessários: atenção, disciplina, coordenação motora e coordenação viso-motora. No entanto, não há nenhuma necessidade de que a atenção, disciplina, coordenação motora e coordenação viso motora sejam realizados por meio de exercícios mecânicos. Nem pode e muito menos se deve desenvolver as aptidões para linguagem escrita de forma tão impessoal. Ler e escrever exige estímulos, inspiração, ludicidade e muita alegria. Sem esses cuidados, diferenciar e aplicar corretamente cada letra se torna um exercício árduo, pesado, triste e limitante.

> A história da humanidade começa com o descobrimento do fogo, porém o limite que separa a forma inferior de existência humana da superior é a criação da linguagem escrita. VYGOTSKI, 1931.

Como ler e escrever são atividades mediadas por signos, logo, ler e escrever são um processo que exige decodificação de signo por signo. Iniciando do mais simples até ao mais complexo. Por esse motivo, iniciar a alfabetização por frases, nas minhas observações, provoca um aprendizado artificial no sentido de que não se efetiva de fato. Pois alfabetizar

por meio de frases gera desconforto e desânimo. Portanto**,** insistir que se aprende por meio de frases é considerar que se aprende a tocar um instrumento musical regendo uma orquestra.

Por outro lado, ler para crianças em fase de pré-alfabetização é saudável. Portanto, mostrar frases é um excelente caminho. Nesse caso, as frases são apresentadas para estimular o interesse e a curiosidade pelos símbolos que constituem a escrita e a leitura. Logo, atenção, disciplina, coordenação motora e coordenação viso-motora não são essenciais. Aqui há aplicação do lúdico, que motiva e prepara a leitura e a escrita. Trata-se de uma atividade que inspira e estimula o desejo de se apropriar da linguagem escrita. Da mesma forma que o contato com lápis e papel, para livre expressão da criança, favorece e prepara para o processo de alfabetização.

5 Resultados e Discussão

Como ler e escrever são atividades mediadas por signos, logo, ler e escrever consiste transformar ideias em palavras, pois só assim se é possível comunicar pensamentos ou compreender os pensamentos e ideias registrados por meio da escrita. Portanto, sendo a escrita dependente de signos, essa habilidade só é conquistada por meio da automatização das letras e seus respectivos fonemas. Assim sendo, ler significa ter condição de reconhecer palavras compostas de sílabas num texto, visto que ler consiste em identificar as ideias que estão representadas por palavras que são compostas de grafemas e fonemas, ou seja, ideias são representadas por meio de palavras compostas de sílabas. E sílabas são letras grafadas com intuito de representar os sons da linguagem oral no processo do registro escrito.

Diante destas constatações, podemos afirmar que ler e escrever é conquista social, no entanto, é importante frisar que ensinar letras é um processo conectado com a linguagem oral para significar a escrita e está incorporado ao aspecto social. Pois cada palavra escrita ou lida está no léxico da criança, compõe o universo no qual está inserida. No mais, é por

meio dos traços de cada letra e seus respectivos fonemas que se alcança a reciclagem neuronal, pois só assim se conquista a capacidade de escrever, ler e interpretar textos. Visto que, escrever, ler e interpretar decorre da capacidade automatizada de reconhecer e identificar corretamente os grafemas e seus respectivos fonemas. Sem a reciclagem neuronal é possível até ler, mas inviabiliza a interpretação daquilo que se lê e escreve.

Portanto, decifrar uma palavra, por mais simples que essa palavra seja, exige a capacidade de interpretar signos e seus múltiplos sentidos. Logo, ler e escrever exige

decodificação, pois insere signos e esses signos requerem serem decifrados. Visto que, cada letra tem sua forma de ser grafada. E essa mesma letra grafada apresenta diversas possibilidades, pois apresenta diversos fonemas. E os fonemas não são fixos, pois apresentam variadas formas de pronuncia, visto que, é identidade de um povo, de uma comunidade. Portanto, os fonemas são múltiplos, transformam-se a cada novo espaço inserido. Cada comunidade tem sua forma de pronunciar.

Por conseguinte, a introdução de cada letra exige um trabalho minucioso e continuo. E para vencer a batalha dos neurônios que simetrizam os traços que diferenciam as letras e os símbolos matemáticos entre si é importante acionar o máximo possível as diversas entradas. Assim, as informações sensoriais processadas pela visão, pela audição, pelo tato e pela propriocepção se reforçam mutuamente.

Dito isso, como aprender a ler e escrever por meio de frases? Pois, se a cada palavra, há em sua constituição, letras e fonemas que se modificavam quando expressada em contextos diversos? Voltando ao conceito cadeira. Imagina um bebê aprendendo esse conceito cadeira olhando para uma sala de jantar. Toda vez que o bebê está diante da sala de jantar, falamos e apontamos, revelando que o conceito cadeira é aquele conjunto de móveis. Esse bebê vai identificar rapidamente o que é um objeto cadeira? Ou apresentará dúvidas e confusão? Penso que um bebê aprendendo um conceito por meio de um conjunto de conceitos terá desafios para compreender cada objeto e fazer rapidamente sua identificação. Pois, assim como a escrita, a linguagem oral também é composta por signos e signos exigem decodificação. Portanto, não é apontando para um local denominando este de cidade que a criança aprende o que são os conceitos casa, edifício, comércio, etc. Antes da compreensão do conceito cidade, requer o reconhecimento individual de cada signo que compõe o conceito cidade.

Por esse motivo, insisto, querer ensinar ler e escrever por frases torna o aprendizado mais desafiante, no sentido de colocar empecilhos, e produzir dúvidas e confusões que geram insegurança e desinteresse.

5 Considerações Finais

Assim, destaco que aprender a ler e escrever insere complexo sistema de signos. Portanto, ler e escrever são sim tarefa que exige dedicação tanto de quem ensina quanto de quem está aprendendo. E isso inclui o exercício motor de grafar e emitir seus respectivos fonemas para automatizar o significado e a capacidade de decodificação. Não por via puramente mecânica, mas sim, por uma via que favoreça a automatização de cada signo que

compõe a escrita e a interpretação de textos. E integrado aos interesses psicossociais daqueles que estão aprendendo a ler e escrever.

Ressaltando que qualquer aprendizado ocorre melhor em ambientes alegres, que estimulam e facilitam o processo cognitivo.

Referências

BAGNO, Marcos. **Língua. Glossário.** Ceale. Disponível em: http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/autor/marcos-bagno Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

BAGNO, Marcos. **Linguagem. Glossário.** Disponível em: http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/linguagem Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Crianças e cultura escrita.** In Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações..- 1.ed. - Brasília, 2016.

GOULART, Cecília. Mata, Adriana Santos da. **Linguagem oral e linguagem escrita: concepções e interrelações.** In Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações..- 1.ed. - Brasília, 2016.

LURIA, A. R. **O Desenvolvimento da Escrita na Criança.** In Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem/ Lev Semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução de: Maria da Pena Villalobos. - 11a edição - São Paulo: ícone, 2010. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/humanizacao/wp-content/uploads/sites/14/2017/04/VIGOTSKILev-Semenovitch-Linguagem-Desenvolvimento-e-Aprendizagem.pdf (p. 143 a 189). Acesso em: 22 de março de 2021

MELLO, Suely Amaral. **O processo de aquisição da escrita na educação infantil: contribuições de Vigotsky.** IN: FARIA, Ana Lúcia Goulart e MELLO, Suely Amaral (orgs.). Linguagens infantis: outras formas de leitura. Campinas: Autores Associados, 2005, p.23-40.

MELLO, Suely Amaral; Bissoli, Michelle de Freitas. **Pressupostos da Teoria Histórico-Cultural para a apropriação da cultura escrita pela criança**. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 33, n. 1, 135-160. jan./abr. 2015.

Disponível em: periodicos.ufsc.br › article › 2175-795X.2014v33n1p135. http://www.perspectiva.ufsc.br Acesso em: 03 de março de 2021.

PRESTES, Zoia. “Imaginação e Criação na Teoria Histórico-Cultural” Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jygv0IIXwdU Acesso em:19 de março de 2021.

SCLIAR-CABRAL, L. **Declínio da percepção categorial fonética inata no primeiro ano de vida.** Letras de Hoje, v. 39, n. 3, p. 79-87, 2004.

SCLIAR-CABRAL, L. **Aventuras de Vivi.** Florianópolis: Lili, 2012.

SCLIAR-CABRAL, L**. Sistema Scliar de Alfabetização – Roteiros para o professor: 1º Ano.** Florianópolis: Editora Lili, 2013.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante, MAGIOLINO, Lavinia Lopes Salomão, Rocha, Maria Silvia P. M. Librandi da. **Crianças, linguagem oral e linguagem escrita: modos de apropriação.** In Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil:
práticas e interações..- 1.ed. - Brasília, 2016.

VIGOTSKI, L. S. **A pré-história do desenvolvimento da linguagem escrita.** OBRAS ESCOGIDAS III CAPÍTULO 7 (1931).